

# Acontecimento de corpo e final de análise

Anne Lysy

**E**ntro no tema “Corpo e ressonância”<sup>1</sup> com uma questão que me atormenta já há algum tempo: o que é um “acontecimento de corpo” e não caberia distingui-lo daquilo que chamamos mais comumente de “fenômeno de corpo”? Ou ainda: que chamávamos, pois me parece que hoje o uso de “acontecimento de corpo” tem se generalizado e tende a ser confundido com “fenômenos de corpo”. Pode parecer que queremos entrar demais nos detalhes, mas no horizonte, essa questão diz respeito àquilo que está em jogo na operação analítica, seu fim e seus meios, a interpretação.

Inicialmente, proponho ressituar esta noção de acontecimento de corpo e direi em seguida o que certos testemunhos de passe me ensinaram sobre esse tema, ou como eles me interpelaram. Esses testemunhos nos oferecem uma visão sobre a prática analítica hoje e sobre aquilo a que uma análise pode levar.

## Acontecimento de corpo/fenômenos de corpo

O sintagma “fenômeno de corpo” floresceu em nossa clínica das psicoses e se estendeu a uma grande variedade de fenômenos, grosso modo, a tudo o que acontece com o corpo — sintomas de conversão histéricos, fenômenos psicóticos, psicossomáticos, dores estranhas e toda a sorte de fenômenos bizarros. Que estatuto eles têm? Por exemplo, uma pessoa que é tomada por uma vertigem quando lhe anunciam a morte de seu irmão; outra cujos olhos se infeccionam a cada vez que vai falar em público; outra ainda que é invadida por tremores ao falar de sua história. Trata-se de algo que acontece no corpo, mas poderemos chamar isso de acontecimento de corpo?

Uma primeira pista. Durante uma Conversação clínica<sup>2</sup>, J.-A. Miller faz uma distinção entre os *fenômenos de eclipse* e os *fenômenos permanentes*: “Qualificamos os fenômenos de corpo de ‘sintomas’ quando eles se instalam permanentemente e ordenam a vida de um sujeito.”

*Sinthoma* escrito com TH: é um neologismo, a escrita nova que Lacan dá ao sintoma, para marcar que se passa a um novo regime da relação entre o significante e o corpo.

Lacan define o sintoma como “um acontecimento de corpo” em seu texto “Joyce o Sintoma” de 1976<sup>3</sup>. É a única vez que surge a expressão, mas J.-A. Miller a extraiu para fazer dela uma noção-chave do último ensino de Lacan e situá-la na série dos novos conceitos introduzidos pela inversão de perspectiva do Seminário XX, *Mais Ainda*, no qual o significante tem efeitos de gozo e não mais de mortificação: o *falasser*, *lalíngua*<sup>4</sup> e o *sinthoma*. O *sinthoma* é “algo que acontece ao corpo pelo fato da *lalíngua*”<sup>5</sup>. J.-A. Miller opõe o sintoma como formação do inconsciente, que é decifrável e revela o desejo inconsciente, ao sintoma acontecimento de corpo que é regulado pelo registro do gozo indecifrável, “gozo opaco, por excluir o sentido” escreve Lacan<sup>6</sup>.

O gozo supõe o corpo; um corpo vivo, que não é a imagem especular, mas que se define como “o que se goza”; não de um gozo natural, primário, mas pelo impacto da língua.

O acontecimento de corpo, é a “percussão” da língua sobre o corpo<sup>7</sup>, é o traumatismo da língua.

Essa ênfase sobre o gozo. – e, portanto, sobre o corpo – repercute na prática analítica que se torna “uma disciplina de gozo”<sup>8</sup>, onde a questão “o que isso quer dizer?” está subordinada a uma outra: “o que isso satisfaz?” “Procurar lá onde isso goza”<sup>9</sup>! Em uma análise, portanto, certamente se decifram os sintomas, mas é por se visar o real do sintoma, para além do sentido, para além dos desvios do desejo. Ler um sintoma, diz J.-A. Miller, “visa o choque inicial”, “visa reduzir o sintoma à sua fórmula inicial, isto é, ao encontro material de um significante com o corpo, quer dizer, ao choque puro da linguagem sobre o corpo”. É “visar, ‘para além’ da fixidez do gozo, a opacidade do real”<sup>10</sup>.

O acontecimento de corpo se situa no nível da fixação freudiana, lá onde o traumatismo fixa a pulsão a um ponto que será o fundamento do recalque. A experiência analítica leva, portanto, a um “aquém do recalque”<sup>11</sup>, à zona do *Urverdrängung*, que é um recalque jamais anulado, um ponto opaco, um furo, dirá Lacan<sup>12</sup>. O choque entre *lalíngua* e o corpo é da ordem de um real sem lei<sup>13</sup>. J.-A. Miller precisa: é um acontecimento “que está nas origens do sujeito, é de certo modo o acontecimento originário e ao mesmo tempo permanente, isto é, ele reitera sem cessar”<sup>14</sup>. Encontramos a noção de permanência. Ele é inicial, mas itera, não da mesma forma que o retorno do recalcado, mas como iteração de um mesmo Um de gozo. O *sinthoma* como acontecimento de corpo é, no sentido forte, condição do falasser, constitutivo, e é de alguma forma o ponto do umbigo do sujeito, opaco, fora de sentido, inapagável, incurável, “o que muitas pessoas têm de mais real”, diz Lacan<sup>15</sup>.

Entramos num terreno escorregadio, quando utilizamos a palavra “na origem”. Trata-se de encontrá-la? O choque inicial do acontecimento de corpo é identificável como tal? Pode ser dito? Ou é experimentado — tal como o gozo feminino, impossível de ser dito? O que é o Um de gozo: uma sensação, uma letra, uma palavra que atinge, um som?

A análise pode levar a circunscrever um ponto do indizível singular. Podemos ouvir de certos testemunhos de passe que o inicial se encontra desta vez “além”, “mais além”<sup>16</sup>: o *sinthoma* é circunscrito para além daquilo que sustenta o sentido, a fantasia, as identificações maiores.

## A clínica do passe

Os testemunhos de passe nos tocam e nos surpreendem por sua diversidade. Não se trata, portanto, de efetuar um forçamento lendo-os como uma aplicação conforme uma teoria — mesmo se não pudermos fazer como se nenhuma teoria do final de análise existisse! O importante é não cair no clichê.

Muitos são os passantes que testemunham algo que acontece em seus corpos no final de análise. Frequentemente isso está associado a uma “vivificação”, um “mais de vida”. Os exemplos são singulares, surpreendentes; eles nos fazem entrar na *lalíngua* de cada sujeito.

Para Jérôme Lecaux, cujo primeiro testemunho de AE ouvimos durante a Jornada “Questões de Escola” em Paris no mês de janeiro, é uma história de pilar e de coluna vertebral.<sup>17</sup> Eis um homem que se dedicou a encarnar o bastão de pedra colocado atravessado na goela de crocodilo de sua mãe; ele se fez de pilar dela e de muitos outros, ao preço de uma grande mortificação e de um esgotamento constante (sempre “morto de cansaço”!). A desativação desta fantasia permite uma separação da mãe e é acompanhada por um “acontecimento de corpo”. Desde sempre ele percebia um furo no nível de uma vértebra, lá onde faltava o pai, o “fundamento na vida”. E eis que de repente, não somente ele teve a sensação de um aperto na bacia que conferiu uma solidez nova a seu corpo, mas também um “extravasamento” foi produzido, uma energia vital se espalhou pelo corpo todo, dando a impressão de uma carne viva. O corpo, de peso morto, torna-se fonte de energia.

Essa vivificação é, observemos, consecutiva a uma operação de desativação da fantasia. Não é o aparecimento de um significante recalcado, mas uma sensação — um corpo, de fato, “isso se sente”, escreve Lacan<sup>18</sup>.

Outros AEs relataram “sensações” e fenômenos do mesmo tipo do *sinthoma*-acontecimento de corpo, no sentido da percussão inicial da língua sobre o corpo. Hélène Bonnaud, por exemplo<sup>19</sup>, liga a sensação de queda do corpo, da qual ela tem que se arrancar a cada vez, ao impacto do significante “jogar” na frase paterna que de repente apareceu no final da análise: “se for uma menina, vamos jogá-la pela janela”.

Eu mesma constatei uma sensação corporal de efervescência, um “cheia de energia” que a interpretação “você é uma corredora<sup>20</sup>!” veio nomear: essa sensação é a minha mais antiga “lembrança”, mas não datável, sem forma e sem roteiro. Ela pôde se tornar força de propulsão no final da análise, quando se operou a separação do Outro, “tutor”. Sublinhei que “corredora” não é, entretanto, o achado da palavra que teria me atingido, nem uma identificação que fixa, nem o nome único que diria a coisa.<sup>21</sup>

O primeiro testemunho de Véronique Voruz<sup>22</sup> declina diferentes vertentes do corpo falante, cujo estatuto varia e que mereceriam ser comentadas uma a uma. Eu retenho quatro.

Em primeiro lugar o romance familiar é reduzido a alguns significantes, catástrofe, monstro, maldição, “marcas primeiras”, diz ela. Eu acrescentaria: elas são deixadas pela “palavra que fere”<sup>23</sup> — o que Lacan chamava de “ditos primeiros, oraculares”<sup>24</sup> — por exemplo: “você tem o corpo da mulher má”, ou “você é a enviada do príncipe das trevas”. São “significantes de destino (*destinaux*)”<sup>25</sup>, diz ela, que poderiam ser desmontados para além da construção da fantasia.

Assim aconteceu também com um significante persistente, resistente às interpretações, produzido durante a análise, uma vez que ela pôde correr o risco de se tornar visível, de falar em público em seu nome: seus olhos se infeccionavam instantaneamente, tornando-se vermelhos. Até o dia em que, desfigurada, ela correu ao analista e começou: “é meu caso de olhos”<sup>26</sup>, o analista “rugiu”: “Deus! Enfim eu o escuto!” e cortou a sessão. Esse “exorcismo pelo equívoco” fez cair a identificação ao diabo e foi “quase razão” deste sintoma.

Ela descreve também a montagem que teve que inventar para se separar do analista — ela que não conseguia jamais se separar sem se arrancar, vivendo como o “prolongamento do corpo do outro”.

No final, justamente, ela faz a descoberta, extraída de um sonho, de uma nomeação de seu modo de vida: “estou sempre um pouco aos trancos (*à l’arrache*)<sup>27</sup>”. É uma palavra de destino desativada, da qual ela pode fazer um novo uso – sua mãe tinha arrancado a perna em um acidente de montanha e neste último sonho Véronique sobe aos trancos e barrancos (*à l’arrache*) um caminho na montanha, fazendo cair pedras; ela se vira e vê na encosta, em meio às pedras, uma perna arrancada.

Esses diferentes exemplos me levam, para terminar, a propor três pistas a serem exploradas.

Essas histórias de “sensações corporais”, de vivificação, pedem que se retome a questão do afeto de novas maneiras. Lacan havia evocado os afetos de final de análise correlatos à travessia da fantasia, o “maníaco-depressivamente”<sup>28</sup> e a posição “depressiva”<sup>29</sup>, ou ainda o entusiasmo<sup>30</sup>. Agora, é o corpo que é “sensível”<sup>31</sup>. Como podemos relatar esses afetos do corpo através do “isso se sente” de seu escrito sobre Joyce, ou dos “efeitos de afeto” de *lalíngua do Seminário XX*: “*Lalíngua* nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos”<sup>32</sup>?

Não nos deixemos obcecar pelo acontecimento de corpo “na origem”! Eu proporia ao contrário que a análise produza acontecimentos — na medida em que um “dizer faz acontecimento”<sup>33</sup>. É um dizer que cria; uma nomeação. Inventando “palavras que suportam”<sup>34</sup>, alojando-se na junta opaca entre *lalíngua* e o corpo, a análise é criacionista<sup>35</sup> como sublinha Eric Laurent. Eu proporia a hipótese de que a análise *produz* um real singular para cada um, ao invés de *reencontrar*, lembrar até o fim, o real que estava lá “nas origens”. Os testemunhos de passe transmitem frequentemente essas nomeações singulares (jogar fora, corredora, de-olhos-abertos, “*à l’arrache*”), pontos de umbigo opacos na trama dos relatos, que são como índices daquilo que escapa ao relato. Não são as “últimas palavras”, nem as palavras da origem, do choque inicial jamais diretamente restituível: elas só podem circunscrever o impacto, elas traçam a borda<sup>36</sup>.

O que acontece com a interpretação-acontecimento? Dessas “palavras que suportam” e têm efeitos de gozo, que “passam para as tripas”<sup>37</sup>? A análise consegue “desfazer pela fala o que se faz pela fala”<sup>38</sup>, mas ela o faz “*en corps*”<sup>39</sup>.

**Tradução: Márcia Bandeira**

**Revisão de tradução: Ana Helena Souza**

**Revisão de notas: Márcia Mezêncio**

## Referências

- <sup>1</sup> Esse texto é uma versão completa de uma conferência da Jornada da ACF- Bélgica em 20 de fevereiro de 2016, “Corpos e ressonâncias” e foi publicado na Quarto 112/113, pp. 116-118.
- <sup>2</sup> Miller, J.-A., e alii, “Conversation sur les embrouilles du corps”, Bordeaux, 1999, *Ornicar?*, n°50, 2002, p. 235. (Grifo nosso).
- <sup>3</sup> Lacan, J. (1975) *Joyce, o Sintoma. Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 565.  
NT: traduzido por “evento corporal” nessa edição brasileira.
- <sup>4</sup> NT: Optamos por traduzir por “lalíngua”, já que lalange circula assim no meio da psicanálise de orientação lacaniana.
- <sup>5</sup> Miller, J.-A. *Peças Avulsas. Opção Lacaniana*, São Paulo, n.45, 2006, p.29. Tradução modificada.
- <sup>6</sup> Lacan, J. *op.cit.*, p. 566.
- <sup>7</sup> “Choque”, “percussão”: termos utilizados por J.-A. Miller, notadamente em seu curso “O Ser e o Um”, 2010-2011 (inédito).
- <sup>8</sup> Miller, J.-A. “The Warshaw Lecture”, *Hurly Burly*, 2, nov. 2009, p. 177.
- <sup>9</sup> Miller, J.-A. “L'économie de la jouissance”, cours “Choses de finesse en psychanalyse”, 2008-2009, *La Cause freudienne*, 77, p. 169.
- <sup>10</sup> Miller, J.-A. *Ler um sintoma. Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 70, 2005, p. 21.
- <sup>11</sup> Miller, J.-A. “O Ser e o Um”, aula 30 de março de 2011, inédito; e “Ler um sintoma”, *op. cit.*, p. 19.
- <sup>12</sup> Lacan, J. “Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines”, *Sclicet 6/7*, Paris, Seuil, 1976, p. 59.
- <sup>13</sup> Miller, J.-A. *O real para o século XXI. Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 63, 2012, p. 17.
- <sup>14</sup> Miller, J.-A. *Ler um sintoma, op. cit.*, p. 21.
- <sup>15</sup> Lacan, J. “Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines”, *op. cit.*, p. 41.
- <sup>16</sup> É a “zona” que J.-A. Miller designou como “ultrapasse”; ver especialmente o curso “O Ser e o Um”, aula de 4 de abril de 2011.
- <sup>17</sup> NT: Testemunho apresentado em abril de 2016, no X Congresso da AMP, pode ser lido em: Lecaux, J. *A cruz e a barreira. Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 75/76, 2017, p. 142-146.
- <sup>18</sup> Lacan, J. (1975). *Joyce, o Sintoma, op. cit.*, p. 561.
- <sup>19</sup> Bonnaud, H., « Réel, résistance, restes », *Quarto*, 109, déc. 2014, pp. 68-69.
- <sup>20</sup> NT. Em francês “coureuse” tem o sentido de “corredora” mas também de “uma mulher que constantemente está à procura de aventuras amorosas”.
- <sup>21</sup> Ver especialmente: Lysy, A., « Savoir y faire avec un symptôme » et « Ma petite chansonnette, Variations sur l'événement de corps » (2012), in *Quarto*, 103, déc. 2012.  
NT: Pode-se consultar também, em português: Lysy, A. «Tem que ir!». *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 58, 2010, p. 115-122.
- <sup>22</sup> Voruz, V., « Se séparer sans s'arracher », *Journée « Questions d'Ecole »*, Paris, 23 janvier 2016.  
NT: Testemunho apresentado em abril de 2016, no X Congresso da AMP, pode ser lido em: Voruz, V. *Exorcizada pela psicanálise. Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 75/76, 2017, p. 104-108.
- <sup>23</sup> A expressão é de J.-A. Miller, em uma intervenção sobre a interpretação: “A palavra que fere”. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 56/57, 2010, p. 67-70.

<sup>24</sup> Lacan, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo. Escritos, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998, p. 822: “O dito primeiro decreta, legífera, sentença, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade.”

<sup>25</sup> NT: Destinaux: adjetivo que em francês se refere ao destino, que caracteriza e evoca o destino.

<sup>26</sup> NT: “C’est mon histoire d’yeux», no original: d’yeux (de olhos) é homófono a Dieu (Deus) em francês. A tradução de histoire por caso foi feita para que o pronome objeto do verbo escutar possa se referir tanto ao caso como a Deus, reforçando o equívoco da interpretação.

<sup>27</sup> NT: Em francês, a expressão “à l’arrache” significa: ir muito depressa e com esforço, improvisando, sem ter se preparado. Essa expressão tem a mesma etimologia do verbo “arracher” que tem o sentido de “arrancar”.

<sup>28</sup> Lacan, J. (1973). O aturdido. Outros Escritos, op. cit., p. 489.

<sup>29</sup> Lacan, J. (1968). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Outros Escritos. Op. cit., p. 261.

<sup>30</sup> Lacan, J. (1982). Nota italiana. Outros Escritos, op. cit., p. 313.

<sup>31</sup> Lacan, J. (1975-1976). O Seminário, livro 23: o sinthoma. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2007, p.18.

<sup>32</sup> Lacan, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: mais ainda. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1985, p. 190. Tradução modificada.

<sup>33</sup> Miller, J.-A. O inconsciente e o corpo falante. In: Scilicet: O Corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: EBP, 2016, p. 28.

<sup>34</sup> Lacan, J. (1974) O fenômeno lacaniano. Opção Lacaniana, São Paulo, n. 68-69, 2014, p. 15.

<sup>35</sup> Laurent, E. Entrevista transcrita, « Ça parle du corps avec ... Eric Laurent », e-mail enviado antes da Journée du CPCT Paris (septembre 2015).

<sup>36</sup> Lysy, A., “Un trognon de réel en fin d’analyse”, Le réel mis à jour, au XXIe siècle, AMP, Ecole de la Cause freudienne, collection rue Huysmans, Paris, 2014, pp. 80-82.

<sup>37</sup> Miller, J.-A. O inconsciente e o corpo falante, op. cit., p. 32.

<sup>38</sup> Lacan, J. “Une pratique de bavardage”, Le moment de conclure, 15 nov.1977, Ornicar? 19, 1979, p.6.

<sup>39</sup> NT. “En corps”, em português “em corpo”, traz a assonância com “encore” que significa “ainda”, título do Seminário XX de Lacan, traduzido em português por “mais, ainda”.

Texto publicado com a amável publicação da autora.